

A CONDIÇÃO FEMININA NO CONTO “MAIBI”, DE ALBERTO RANGEL

Adão Garcia dos Santos¹
José Rosa dos Santos Júnior²

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo analisar o conto “Maibi” presente no livro “Inferno Verde” (2008), de Alberto Rangel. A partir desse movimento analítico, erguem-se questionamentos acerca da representação da mulher indígena e da condição feminina da personagem Maibi, figura feminina central da narrativa. Propomos, por meio do artefato literário, tencionar a exploração sexual, o feminicídio e o processo de subalternização da mulher na Amazônia, especificamente, no período do ciclo da borracha. Trata-se de um estudo de cunho bibliográfico e a constituição dos pressupostos teóricos deste artigo está fundamentada nos contributos de Achugar (2006), Hooks (2015), Spivak (2010), Dalcastagnè (2008), dentre outros.

Palavras-Chave: Maibi. Amazônia. Exploração sexual. Feminicídio. Condição feminina.

THE FEMALE CONDITION IN THE TALE “MAIBI”, BY ALBERTO RANGEL

ABSTRACT

This study aims to analyze the short story “Maibi” present in the book *Inferno Verde* (2008), by Alberto Rangel. From this analytical movement, questions arise about the representation of the indigenous woman and the female condition of the character Maibi, the central female figure in the narrative. We propose to tension, through literary artifacts, sexual exploitation, femicide and the process of subalternization of women in the Amazon, during the rubber boom period. This is a bibliographical study and, for that, the constitution of the theoretical assumptions of this article is based on the contributions of Achugar (2006), Hooks (2015), Spivak (2010), Dalcastagnè (2008), among others.

Keywords: Maibi. Amazon. Sexual exploitation. Femicide. Female condition.

Data de submissão: 07. 12. 2021

Data de aprovação: 20. 01. 2022

INTRODUÇÃO

O presente artigo se constrói a partir da necessidade de uma análise verticalizada, no que diz respeito à representação e à condição da mulher indígena percebidas na narrativa do conto “Maibi”, de Alberto Rangel. Nesse contexto, é relevante destacar que nosso objetivo principal é propor uma discussão que nos permita refletir acerca de como a mulher indígena é representada nesta literatura amazônica e a que condição ela é submetida dentro da narrativa no período do ciclo da borracha na Amazônia.

Acredita-se que com essa discussão possamos responder as seguintes problemáticas: como a mulher indígena é representada no conto “Maibi”? De que forma essa narrativa revela

¹ É graduado em Licenciatura em Letras pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Graduação em andamento em Letras – Espanhol pela Universidade Federal do Pará (UFPA) e Mestrando em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). E-mail: garciartllana@gmail.com

² Doutor em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor de Língua Portuguesa e Literaturas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará –IFPA / Campus Marabá Industrial. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). E-mail: juliteratta@gmail.com

a condição feminina no período do ciclo da borracha na Amazônia? Como o conto representa a exploração sexual da mulher e o feminicídio?

Para tal análise, contamos com a metodologia qualitativa de caráter bibliográfico com suporte teórico que nos possibilitou forjar reflexões críticas acerca do conto, além de tensionar as estruturas e os discursos seculares da tradição patriarcal, que naturalizam a exploração sexual, o feminicídio e o processo de subalternização da mulher amazônica no âmbito da literatura e da sociedade brasileira.

Sendo assim, destacamos que as abordagens realizadas neste trabalho apontam para a ressignificação de percepções acerca da condição feminina, assim como, do papel da mulher e a maneira que ela é representada no âmbito das narrativas literárias, uma vez que, no decorrer da história as mulheres foram constantemente silenciadas, marginalizadas e apartadas dos espaços de fala, de poder e de decisão.

1 REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE A FIGURA FEMININA

A discussão, aqui proposta, se vale dos estudos culturais, de raça e de gênero. Para tanto, julgamos oportuno tratar dessas concepções a partir dos pressupostos teóricos cunhados por Hugo Achugar (2006), Gayatri Chakravorty Spivak (2010), Regina Dalcastagnè (2008), Bell Hooks (2015), Ribeiro (2016), dentre outros.

Djamila Ribeiro (2016, p. 103) nos diz que, “tanto o olhar de homens brancos e negros, quanto o das mulheres brancas confinaria a mulher negra a um local de subalternidade muito mais difícil de ser ultrapassado”. Destacar, nesse contexto, a relevância do feminismo negro é, ao mesmo tempo, salientar o movimento insurgente que tal feminismo insiste em instaurar. Afinal, é sabido que ao longo da construção das narrativas históricas, a mulher sempre foi relegada a um papel de subserviência, de submissão e (in) disposta a ocupar os espaços privados.

Não raro, a literatura – porque implicada com ditames euro-etno-logo-fonocêntricos - também contribuiu na construção de um imaginário acerca do feminino. A dicção literária masculina, quase sempre, por meio das personagens femininas, reforçou uma série de estereótipos para dar conta da representação da mulher: infiel, volúvel, necessitada da orientação masculina.

Para corroborar nossa discussão, Dalcastagnè (2008) afirma que:

Dar concretude e existência a uma personagem não é tarefa fácil, especialmente quando a tradição literária não está disponível como recurso, ou seja, quando nossa poesia, nossos contos e romances não trazem modelos suficientemente ricos que possam servir de inspiração. Há a ideia equivocada, mas muito disseminada, de que o escritor constrói suas personagens a partir de pessoas que conheceu em sua vida [...] (DALCASTAGNÈ, 2008, p. 97).

Ao que está supracitado, refere-se à problemática construção de personagens não brancas: ora reforçando os estereótipos, ora sob um pano de fundo de feições europeizantes. Tudo isso, faz com que sejam reforçadas determinadas crenças que atravessam nosso modo de ser, de estar e de perceber o mundo.

Em um estudo mais recente, Dalcastagnè (2017) afirma que a literatura contemporânea reflete, em suas ausências, algumas das características centrais da sociedade brasileira, tais como o racismo estrutural que afastam os grupos políticos minoritários dos espaços de poder e de produção de discurso.

De acordo com Shohat e Stam (2006, p. 51):

O racismo é a tentativa de estigmatizar a diferença com o propósito de justificar vantagens injustas ou abusos de poder, sejam eles de natureza econômica, política,

cultural ou psicológica. Embora membros de todos os grupos possam ter opiniões racistas – não há imunidade genética nesses casos – não é todo grupo que detém o poder necessário para praticar o racismo, ou seja, para traduzir uma atitude preconceituosa em opressão social.

Sobre essa problemática, Djamila Ribeiro (2019, p. 25) afirma que, “como muitas pessoas negras que circulam em espaços de poder, já fui “confundida” com copeira, faxineira ou, no caso de hotéis de luxo, prostituta”. Conforme a autora, a questão não é a pauta sobre a dignidade dessas profissões, mas a forma que a mulher negra é vista, os estereótipos criados e o lugar de subalternidade em que ela é submetida, muitas vezes presentes também na literatura.

Dito isso, para a sociedade pautada por ditames machistas, o arquétipo de mulher era o de procriadora, dona de casa e enclausurada no espaço privado do lar. Sendo assim, Djamila Ribeiro (2016, p. 103) diz que “numa sociedade de herança escravocrata, patriarcal e classista, cada vez mais torna-se necessário o aporte teórico e prático que o feminismo negro traz para pensarmos um novo marco civilizatório”.

Notamos que na sociedade contemporânea ainda prevalecem narrativas que empurram as mulheres negras e indígenas para a representação da ilegitimidade, da inferioridade e da submissão, da mesma forma, que repetidamente são colocadas como objetos, ora de cunho sexual, ora de servidão. Para que as mulheres consigam quebrar as estruturas do silenciamento, da exclusão e da morte, é empenhado um trabalho árduo e muito complexo, em que as dificuldades aumentam ainda mais, quando direcionamos essa discussão para a mulher negra e indígena.

Segundo o que afirma Bell Hooks (2015):

Um preceito central do pensamento feminista moderno tem sido a afirmação de que “todas as mulheres são oprimidas”. Essa afirmação sugere que as mulheres compartilham a mesma sina, que fatores como classe, raça, religião, preferência sexual etc. não criam uma diversidade de experiências que determinam até que ponto o sexismo será uma força opressiva na vida de cada mulher. (HOOKS, 2015, p. 197).

Com base no exposto anteriormente, destacamos a concepção de sexismo, contudo é preciso salientar que essa é apenas uma das tantas formas discriminatórias que a mulher sofre em nossa sociedade e que precisamos levar em consideração. Nessa problemática, as questões interseccionais concernentes ao lugar, a classe, e a raça, que por longos séculos construíram um lugar de subalternidade para a mulher, sempre é vista como o Outro.

Evocando Leite (2006), Santos Júnior (2019, p.124), ambos dizem que:

[...] os nossos corpos são educados através de processos e pedagogias distintas: na família, na escola, nos ambientes e situações por onde transitamos e que vão nos atravessando enquanto experiência. Essas pedagogias, principalmente, as de cunho judaico-cristãs, tecem um construto, radicado no simbólico e no discursivo, com vistas à construção de um “modelo de mulher” e que não abarca o corpo trans, o corpo indígena ou o corpo negro, uma vez que foram educados por meio de epistemes e pedagogias distintas do protótipo eurocentrado.

Esse Outro feminino insubmisso e insurgente com tudo que lhe atravessa pela potência das insurreições gestadas, ainda que clandestinamente, sabotaram uma série de estereótipos reducionistas, e como resposta transformou tudo que produz em o Outro. Vejamos:

Referimo-nos à literatura escrita pela mulher; a literatura destinada às crianças ou jovens e à literatura “negra”. Está claro que, muito mais do que simples moda, esse triplo interesse arraiga em um fenômeno cultural muito amplo: a inegável

emergência do "diferente": o espaço conquistado pelas vozes "divergentes" no seio da Sociedade e a descoberta da alteridade ou do Outro (via de regra oprimido, pelo tradicionalismo instituído) que impedia (ou impede?) ao Eu sua verdadeira autodescoberta. (COELHO, 1991, p. 91).

De acordo com a afirmativa é possível inferir, que em consequência disso, a figura feminina tenha sido representada na literatura como objeto de exploração sexual, simbólica, física, emocional, e financeira. Quando se trata de personagens negras ou indígenas, tais pressupostos às empurram para o não lugar, o não cabimento, o apagamento. Com isso, cabe ressaltar que as personagens femininas, no caso do literário, são frutos de uma influência autoral, mas também político-ideológica e cultural de um determinado período histórico.

Por outro lado, a luta e a disputa feminina pelo direito à fala e aos instrumentos de representação garantiram à mulher uma dicção própria, incômoda, indócil, que Hugo Achugar (2006) denomina de “balbucio”:

A qualificação do deslocado, ou do lugar de desprezo e do não-valor, é produzida por outros e não pelo sujeito da enunciação mesmo que ele termine por assumi-la, com ou sem orgulho, de forma submissa ou insubmissa. [...]. É um fragmento, um balbucio. Outra coisa não pode elaborar aqueles que falam da periferia ou desse lugar que alguns entendem como espaço da carência. Reivindico, no entanto, o balbucio. (ACHUGAR, 2006, p. 14).

Concebemos o feminino como esse espaço da carência, que fala Hugo Achugar. É a partir desse lugar e por meio de uma corporeidade insubmissa, contestadora que o balbucio é produzido. Assumir o lugar do desprezo, do não-valor garante a essas sujeitas, uma espécie de redesignação de força que garante, inclusive, as suas próprias vidas. Veremos, a seguir, como a personagem Maibi performatiza esse lugar da carência e como articula, ainda que precariamente, a sua fala balbuciente.

2 ANÁLISE DO CONTO “MAIBI”, DE ALBERTO RANGEL

Alberto do Rêgo Rangel é natural de Recife – Pernambuco. Nasceu em 29 de maio de 1871. Cinco anos mais tarde, em 1876, muda-se com a sua família para o Rio de Janeiro. Em 1887 inicia seus estudos superiores na Escola Militar da Praia Vermelha, onde conhece seu amigo jornalista e escritor, Euclides da Cunha. É autor de “Inferno Verde: cenas e cenários do Amazonas” (1908), “Sombra n’água” (1913), “Quando o Brasil amanhecia” (1915), “Livros de Figuras” (1920), “Dom Pedro I e a Marquesa de Santos” (1912), “Fura Mundo” (1922), “Lume e cinza” (1924), “Textos e pretextos” (1926), “Gastão de Orléans” (1935) e “A Educação do príncipe: esboço histórico e crítico sobre o ensino de D. Pedro II” (1945).

A coletânea “Inferno Verde: cenas e cenários do Amazonas” (2008) teve uma recepção controversa entre os críticos das artes e das literaturas. De acordo com Nelson Werneck Sodré (1982) *apud* Leandro (2021, p.03), o descompasso entre a realidade e o texto de Rangel é um artifício que afugenta o leitor, tira-lhe toda e qualquer possibilidade de conhecer a região pelo depoimento, como se o literário tivesse o compromisso de ser o espelho, uma cópia do real. Nesse ângulo, o historiador defende, em sua crítica, o caráter documental da literatura como sendo um valor a ser alcançado. Para ele, a “boa literatura” é aquela que serve como documento histórico de um período, mas, para isso, todos sabem que já existe a história.

A análise em questão é acerca do conto “Maibi” que é um entre os onze que fazem parte da coletânea “Inferno Verde: cenas e cenários do Amazonas” (2008), de Alberto Rangel com prefácio de Euclides da Cunha. De acordo com Paiva (2011, p.352), no conto “Maibi”, “o autor tenta fornecer, a partir da composição de um quadro alegórico, todos os mecanismos

atuantes nesse processo de exploração levado a cabo por seringalistas gananciosos e seus respectivos efeitos deletérios para a região”. Paiva (2011) ainda nos diz que o conto em questão “se faz presente não só a figura do seringalista, sempre preocupado com a cotação do preço da borracha e com o aumento dos seus lucros, mas também aparecem os diferentes seringueiros que compõem o conjunto de empregados do seringal”. Paiva (2011) afirma que entre os seringueiros, por sua vez, diferenciam-se aqueles que possuem saldo maior ou saldo menor na contabilidade viciada do patrão. A busca de um saldo cada vez maior é o objetivo a ser alcançado pelos seringueiros, pois só assim seria viabilizado o fim daquele isolamento e aprisionamento, sofridos fosse pela ação da natureza e pelas amarras das relações sociais injustas, que caracterizavam os seringais. Vejamos:

Mesmo as críticas mais contundentes em relação ao processo de extração e produção da borracha presentes no Inferno verde não incluem os setores dirigentes da região, aos quais o autor se encontrava atrelado. O foco das críticas recai sempre sobre os donos dos seringais, os seringalistas. Estes eram, invariavelmente, ex-seringueiros nordestinos que conseguiram, de uma forma ou de outra, acumular alguma riqueza e acabaram por se tornar proprietários de seringais. A irresponsabilidade e a ganância desses agentes sociais, juntamente com a configuração da natureza, segundo Alberto Rangel, eram as maiores causas do atraso civilizatório na região. Ora, o autor não conseguia atinar para o fato de que toda a riqueza desfrutada pela pequena camada social que vivia aos modos europeus nas cidades de Manaus e Belém, e que então controlava politicamente a região, advinha exatamente da exploração extremada levada a cabo pelos mesmos seringalistas gananciosos nos vários recônditos da Amazônia. As relações sociais que embasavam todo o processo produtivo da goma elástica estavam assentadas, conforme ressaltará depois Euclides da Cunha, na barbárie de relações sociais quase escravistas de exploração (PAIVA, 2011, p. 352).

Essa barbárie que se revelava nas relações de exploração é representada, no âmbito do conto, de diversas formas, escolhemos, aqui, analisar como a figura feminina – metáfora do lugar - era mais um elemento que comprovava a ganância, o atraso e a opressão no contexto amazônico, mais especificamente, durante o período da extração da borracha.

Nesse contexto, Maibi é o nome da personagem principal que dá nome ao conto. A jovem e bela índia é casada com Sabino, um cearense que encontra no trabalho dos seringais amazônicos a oportunidade de mudar de vida, mas que no decorrer dessa busca acaba contraindo altas dívidas. O fragmento abaixo relata a união do nordestino Sabino com a cabocla, Maibi:

No lago do Castanho, casara-se com aquela cabocla, linda cunhã, enguiço núbil, tentação que lhe chegara para atrapalhar a vida, pois, se tivesse vindo sozinho, nessa época, labutar no alto, na seringa, estaria certamente a essas horas no seu querido Ceará (RANGEL, 2008, p. 123).

A narrativa começa com a negociação da cabocla e a tratativa acontece entre o tenente e o Sabino. O acordo revela que a mulher é usada para saldar as dívidas do seu esposo e o enredo inicial parece focar no ponto chave do conto, que é a condição da mulher na época do ciclo da borracha. O conto elucida o quanto a mulher é desvalorizada e usada como propriedade individual do homem, uma vez que a mesma serve como moeda de pagamento de uma dívida no seringal.

Assim, por conta da sua grande dívida com o dono do seringal, o tenente Marciano, Sabino usa a esposa como moeda para saldar o débito. Um jovem seringueiro chamado Sérgio, faz o pagamento da conta e em contrapartida leva Maibi para viver com ele. Jovem que, segundo a narrativa, é “rapaz afamado como trabalhador insigne” (2008, p. 122). A negociata se revela no fragmento abaixo:

- Então, o negócio está feito... estamos entendidos. Você nada me deve e deixa a Maibi com o Sérgio.

- Sim senhor, respondeu o escanzelado, retendo um suspiro.

Pronunciava-se este diálogo junto ao balcão, no armazém, entre o tenente Marciano, dono do Soledade, e um seu freguês, o Sabino da Maibi. Quando a operação hedionda finalizou assim, de uma assentada, entre os dois homens, o sol descambava mordendo o friso verde-negro da mata, e a luz de fora filtrava-se por entre as brechas das paxiúbas mal ajustadas, no barracão, como se coada fosse por entre as barras férreas de um calabouço, guardando dois réprobos (RANGEL, 2008, p. 121).

Este tipo de “operação hedionda”, como o narrador faz questão de adjetivar, aponta para uma ação corriqueira nos seringais da Amazônia, no período do ciclo da borracha. Uma vez que a presença de mulheres era muito rara, quando uma aparecia, era usada como objeto para satisfazer o desejo sexual de quem pudesse pagar, haja vista que era um negócio rentável para o dono do seringal.

Nessa lógica, fica claro que a condição da mulher, nesse contexto, é a de objeto, de mercadoria sexual. Nota-se que, após a negociação, a personagem vai para o outro lado da margem do rio com o seu comprador e agora companheiro. Essa negociação duraria até que o personagem Sabino conseguisse saldar a dívida, algo que se apresenta como sonho impossível no seringal. Acerca dessa problemática, Spivak (2010) argumenta que:

[...] embora eu não queira falar em favor da violência sexual sancionada dos exércitos de conquistadores – muçulmanos ou qualquer outro -, a autoimolação feminina diante disso é uma legitimação do estupro como algo “natural” e funciona, a longo prazo, no interesse da posse genital exclusiva da mulher. O estupro grupal perpetrado pelos conquistadores é uma celebração metonímica da aquisição territorial. (SPIVAK, 2010, p. 145).

A autora verticaliza a discussão quando se debruça sobre a situação de abuso sexual sofrido por mulheres mulçumanas, pois, do momento em que ficam viúvas, precisam sofrer autoimolação, uma vez que elas ocupam o lugar do subalterno e da submissão. Sendo assim, podemos afirmar que a sociedade, forjada nos ditames patriarcais, percebe a mulher como uma propriedade privada do masculino que pode, inclusive, se tornar moeda de troca, como é o caso da personagem Maibi.

Para além desse contexto escravocrata, é importante destacar que o estupro nos seringais parecia ser uma prática “natural”, em que a mulher vítima deste abuso é tida como mercadoria nas mãos dos homens, tornando-se o reflexo cruel da ocupação hegemônica dos espaços amazônicos. Na obra, o narrador tematiza a dupla escravidão, ao relatar o quanto era difícil, para o seringueiro saldar uma dívida “contraída” no próprio trabalho:

“Tirar saldo” é a obsessão do trabalhador, no seringal. E como não ser assim, se o saldo é a liberdade? O regime da indústria seringueira tem sido abominável. Instituiu-se o trabalho com a escravidão branca! Incidente à parte na civilização nacional, determinaram-no as circunstâncias de uma exploração sem lei. (RANGEL, 2008, p. 122).

É importante destacar que apesar da narrativa orbitar em torno da personagem Maibi e a mesma intitular o conto, não percebemos nenhuma fala dela, tampouco de outra personagem feminina. Este fato nos permite afirmar que o narrador representa e reelabora as marcas e os dispositivos do silenciamento feminino na narrativa de expressão amazônica, pois a personagem não tem direito à fala, e quando a mencionam é sempre dentro das falas dos personagens masculinos e por isso, paradoxalmente, como uma figura secundária e sem poder de decisão.

Ainda, de acordo com Spivak (2010),

[...] a mulher subalterna encontra-se em uma posição ainda mais periférica pelos problemas subjacentes às questões de gênero [...]. Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade. (SPIVAK, 2010, p. 17).

As personagens femininas, no âmbito da narrativa, servem como objeto de diversão sexual para os homens. Dessa forma, os indícios e as marcas do silenciamento encenam a tentativa de representação da realidade da mulher nos seringais da época. É necessário destacar, que além da questão da exploração sexual da mulher, faz parte também do enredo de Maibi, o feminicídio. As temáticas apontadas servem como elementos de reflexão acerca da condição feminina representada neste conto, que apresenta uma narrativa emblemática, modulada por informações histórico-sociais.

Observemos, por exemplo, o que acontece logo após o desaparecimento da personagem Maibi:

Na proa, o remador amiudava, sôfrego, as remadas. Mal encostando a embarcação, ele saltara em terra. Era o Sérgio, que vinha pálido, visivelmente comovido. Acercando-se do patrão, contou-lhe que aproveitara uns dias de chuva, nos quais não pudera “cortar”, para fazer a viagem ao “centro”; mas que ao voltar, não encontrara mais em casa a Maibi. A cabocla desaparecera; só deixara uma anágua no baú de marupá. Estava farto de procurar... iria até a extrema de baixo, indagando... chegaria mesmo ao Umarizal. E o Sérgio, devastado de indignação e angústia, desceu precipitadamente a escada da ponte (RANGEL, 2008, p. 128).

O patrão ao tomar conhecimento que a cabocla desapareceu, logo deduziu que Sabino era o responsável pelo acontecimento, ou seja, o marido resolveu raptar a índia Maibi, pois estava inconformado com a forma de pagamento de sua dívida no seringal. Desse modo, observamos como o destino da personagem principal é submetido às mais diversas situações abusivas.

À medida em que a narrativa avança, percebemos que a construção dessa figura feminina se aproxima, metaforicamente, da história da seringueira; tanto na questão da exploração quanto na forma em que a vida de Maibi é ceifada. A partir da narrativa, é possível notar alguns elementos análogos entre a árvore, símbolo do ciclo da borracha, e a cabocla.

A conversa entre um dos seringueiros chamados, Zé Magro e o marido da cabocla nos mostrará a questão do feminicídio e o desfecho cruel do conto:

Entabularam conversa.

- Bom-dia hoje?... Leite muito, hein?... indagou o Zé Magro.

Sabino respondeu-lhe, dominando a custo a comoção que o abatia:

- Nem por isto... E, esforçando-se por se acalmar: - botei “uma madeira em pique”, pau monstro, “apaideguado” ... E boa que admira... É para doze tigelas. Só ela dá um “frasco”. Eu não via o diabo. Passava junto e não dava com a bruta... E, no entanto, estava logo depois da boca da primeira “manga”. (RANGEL, 2008, p. 129).

Neste fragmento, podemos inferir que Sabino revela o que fez com a índia. A imagem de “uma madeira em pique” personifica a figura de Maibi, ao ponto que também se refere à seringueira onde a personagem se encontra amarrada e, posteriormente, será executada pelo “companheiro”. A expressão usada anteriormente, revela, de forma clara, a crueldade do marido e confirma assim, o que mencionamos como feminicídio. Para continuarmos a discussão sobre a condição feminina no conto, observemos outro fragmento:

O outro, surpreso da serenidade do Sabino, resmoneou desconcertado, referindo-se ao capricho costumeiro da “mãe da seringueira” que escondia as árvores. E, para disfarçar a espionagem, revelou-se curioso:

- Bem queria ver esse pau... se é o que você diz!

- Pois vá, replicou o Sabino. Há de se admirar, e você, apesar de não ser nenhum “brabo”, nunca viu coisa igual. Fica logo ao pé de um açacuzeiro, depois de um cerrado de “unhas-de-gato” e jurará... (RANGEL, 2008, p. 129).

A curiosidade de Zé Magro sugere a confirmação de que Sabino fez algo com a cabocla. Sendo assim, o personagem Zé Magro sai “mata a dentro” à procura da “mãe da seringueira”, uma referência a personagem Maibi. Tendo em vista esses aspectos, inferimos que Maibi é a configuração da Amazônia mutilada por uma quantidade imensa de golpes de machadinhas pelas mãos dos seringueiros. Para confirmar a descrição de como Maibi foi encontrada, vejamos o fragmento a seguir:

No hábito do serviço, o Zé Magro seguia a passos rápidos, mal notara o açacuzeiro no cerrado de cipós, e já se quedava aterrado diante o espetáculo imprevisível e singular. Uma mulher, completamente despida, estava amarrada a certa seringueira. Não se lhe via bem a face na moldura lustrosa, em jorro negro e denso, dos cabelos fartos.

O Zé Magro acercou-se, tremendo, a examinar a realidade terrível; na crucificada reconheceu, estupefacto, a mulher do Sabino e do Sérgio. (RANGEL, 2008, p. 130).

Assim, a descrição da forma em que a personagem foi encontrada nos aponta como a mulher era tratada, e expõe a condição feminina e ao que essa mulher era submetida na época do ciclo da borracha. A forma em que a personagem é encontrada pelo seringueiro Zé Magro, retrata a crueldade de sua morte, haja vista, que ao compararmos a descrição de tal cena, perceberemos como há, analogamente, a aproximação da cabocla e da seringueira neste ato.

A passagem a seguir contribuirá para situar a análise:

Atado com uns pedaços de ambécima à “madeira” da estrada, o corpo acanelado da cabocla adornava bizarramente a planta que lhe servia de estranho pelourinho. Era como uma extravagante orquídea, carnosa e trigueira, nascida ao pé da árvore fatídica. Sobre os seios túrgidos, sobre o ventre arqueado, nas pernas, tinha sido profundamente embutida na carne, modelada em argila baça, uma dúzia de tigelas. Devis o sangue da mulher enchê-las e por elas transbordar, regando as raízes do poste vivo que sustinha a morta. Nos recipientes o leite estava coalhado – um cernambi vermelho... (RANGEL, 2008, p. 131).

O fragmento anterior retrata a forma cruel de como a cabocla Maibi foi morta. A imagem nos afeta diretamente, pois a cena bárbara dos fatos ocorridos remete à maneira como era feita a coleta do látex, por meio de operações metafóricas, podemos dizer que a seringueira é a própria índia talhada, tal qual a árvore, ao mesmo tempo que o sangue seria o látex preenchendo as cuias fincadas ao corpo da cabocla.

Por fim, o conto é encerrado com a volta de Zé Magro para o lugar que tinha deixado o seringueiro Sabino e não o encontra, pressupondo que o Sabino fugiu “mata a dentro”. Sendo assim, observamos até que ponto chega a ação do homem obcecado pelo seu “objeto”, sua “propriedade”.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Situar e filiar o Outro possibilita estabelecer o posicionamento de quem fala, possibilita projetar ou inventar memórias, possibilita construir passados ou apagar histórias. Por outro lado, assim como uma vez afirmei que existem “periferias da periferia” é necessário assinalar que existem Outros do Outro, que muitas vezes o

Outro do centro ou da metrópole é quem invade, tortura ou mata o Outro da periferia. (ACHUGAR, 2006, p. 14).

“Maibi” é a representação agressiva desse Outro, teorizado por Achugar. Ocupar o lugar da alteridade, da diferença e das identidades dissonantes é, ao mesmo tempo, se lançar em um terreno poroso, encharcado de possibilidades de silenciamento, de invisibilidade e de morte. Performar, a partir do lugar do feminino, é se colocar numa zona fronteira e arriscada, “periferia da periferia”. Para Maibi, enquanto uma mulher indígena, não restou outro destino que o da moeda de troca, da propriedade privada, da tortura e do assassinato. À literatura, artefato artístico potentemente desestabilizador, cabe, também, o papel de apresentar, ainda que reelaboradas pelos ditames do estético, as realidades e as condições que as mulheres têm sido submetidas ao longo dos séculos.

Dessa forma, o conto “Maibi”, de Alberto Rangel é uma narrativa de grande relevância para compreendermos as problemáticas da presença feminina nos seringais no período do ciclo da borracha, assim como as relações de poder do homem sobre a mulher nesta época. Faz-se necessário destacar também a condição feminina em uma sociedade patriarcal, assim como a questão da mulher como objeto de exploração sexual, do feminicídio, bem como da condição feminina presente no conto, marca da literatura amazônica, que por meio do seu enredo foge da representação do exótico e da exuberância da fauna e da flora, ancorando-se na denúncia social.

REFERÊNCIAS

ACHUGAR, Hugo. **Planetas sem boca**: escritos efêmeros sobre arte, cultura e literatura. Trad. Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. A literatura feminina no Brasil contemporâneo. **Língua e literatura**. São Paulo, 1991, v. 16. N. 19. p. 91-101.

DALCASTAGNÈ, Regina. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. *In*: **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, nº. 31. Brasília, 2008, p. 87-110.

DALCASTAGNÈ, Regina. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. *In*: ELE, Laeticia Jensen; DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura e Exclusão**. Porto Alegre: Zouk, 2017, p.217-238.

HOOKS, Bell. Mulheres negras: Moldando a teoria feminista. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº16. Brasília, 2015, p. 193-210.

LEANDRO, Rafael Voigt. **Inferno verde**: representação literária da Amazônia na obra de Alberto Rangel. Disponível em: <<http://unb.revistainterambio.net.br/24h/pessoa/temp/anexo/1/275/231.pdf>>. Acesso: 04 set. 2021.

LEITE, Fernanda Capibaribe. **Corpos em Cena e Trânsito**: sujeitos em devir na filmografia de Claudia Priscilla. *In*: COLLING, Leandro (org.). **Dissidências sexuais e de gênero**. Salvador: EDUFBA, 2016.

PAIVA, Marco Aurélio Coelho de. O sertão amazônico: o inferno de Alberto Rangel. **Sociologias**, Porto Alegre, RS, v. 13, n. 26, abr. 2011. ISSN 1807-0337. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/sociologias/article/view/20006/11610>. Acesso em: 09 set. 2021.

RANGEL, Alberto. **Inferno Verde**. Manaus: Valer / Governo do Estado do Amazonas, 2001.

RIBEIRO, Djamila. **Feminismo negro para um novo marco civilizatório**. Uma perspectiva brasileira. São Paulo, 2016, v. 13, n. 24, p. 99-104.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTOS JÚNIOR, José Rosa dos. A mulher sábia edifica a sua casa, a louca a desmorona: imagens de mulher na poesia de Renilda Cazumbá. In: **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, v.1, n.38, 2019, p. 118-127.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. **Crítica da imagem eurocêntrica**: multiculturalismo e representação. Trad. Marcos Soares. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da literatura brasileira**. São Paulo: Difel, 1982.

SPIVAK, Chakravorty Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.